

## Produção leiteira na microrregião de Itapetinga, Bahia: aspectos sócio-econômicos (Milk production in the microregion of Itapetinga, Bahia: partner-economic aspects)

Helder Francisco Ferreira<sup>1</sup>, Aureliano José Vieira Pires<sup>2</sup>, José Aroudo Mota<sup>3</sup> 1) Zootecnista UESB, Itapetinga, Bahia, Brasil. 2) Professor Adjunto DTRA/UESB, Itapetinga, Bahia, Brasil. 3) Pesquisador do IPEA, Brasília, Distrito Federal, Brasil

**Resumo:** O trabalho foi desenvolvido na microrregião de Itapetinga, Bahia, Brasil, com produtores de leite com objetivo de avaliar o nível de desenvolvimento das propriedades. Os dados foram coletados de produtores que foram distribuídos de acordo com tamanho da propriedade, estabelecendo-se cinco faixas: menor que 100 ha, de 101 a 200 ha, de 201 a 300 ha, de 301 a 500 ha, e maior que 500 ha. Dentre os entrevistados 87,86% dos produtores de leite possuem áreas acima de 100 ha, 68,75% declararam ter algum tipo de reserva estratégica. O percentual de utilização de silagem e de feno foi baixo, pois, somente 12,5% dos produtores entrevistados utilizam destes recursos. O percentual de produtores que criam bovinos mestiço com grau de sangue indefinido chega 85,42%. O período de lactação das vacas na maioria das propriedades analisadas encontraram-se abaixo de 240 dias, com um índice de ordenha manual acima de 92,31%. A taxa de mortalidade de bezerros ficou compreendida entre 3,59 a 9,52% e a taxa de mortalidade de animais adultos entre 0,64 a 1,37%. A grande maioria dos produtores entrevistados indiferente do tamanho da propriedade não faz nenhum tipo de prevenção contra a mastite. A capacidade suporte perfaz uma média geral de 0,70 unidade animal/ha e a produção de leite média encontrada foi de 3,86 litros de leite/vaca/dia.

Palavras-chave: leite, produtores, renda, vacas.

### Milk Production in Microregion of Itapetinga, Bahia: Aspects Socio-economics

**Abstract:** The work was developed in microregion of Itapetinga, Bahia, Brazil, with farms of milk with objective of evaluating the level of development of properties. The data were collected of producers that were distributed in agreement with size of the property, settling down five strips: smaller than 100 ha, from 101 to 200 ha, from 201 to 300 ha, from 301 to 500 ha, and larger than 500 ha. Among the interviewees 87,86% of the producing of milk they possess areas above 100 ha, 68,75% declared to have some type of strategic reserve. The percentile of use of silage and of hay it was low, because, only 12,5% of the producers interviewees use of these resources. The percentile of producers that create bovine crossbred with degree of

indefinite blood arrives 85,42%. The lactation period of cows in most of properties analyzed was below 240 days, with an index of it milks manual above 92,31%. The rate of mortality of calves was understood between 3,59 to 9,52% and the rate of mortality of adult animals among 0,64 to 1,37%. the producers interviewees' indifferent of the size of the property great majority doesn't make any prevention type against the mastitis. The capacity supports was a general average of 0,70 unity animal/ha and the production of milk medium found was of 3,86 liters of milk/cow/day.

**Key words:** milk, farmers, rent, cows.

## **Introdução**

Nessa última década a agricultura brasileira foi fortemente impactada pelas crises sucessivas oriundas do processo de globalização que refletiu no Brasil. Nesse período houve uma expressiva valorização do câmbio, principalmente, entre os anos de 1994 a 1999 (Fernandes Filho et al., 2000) em função do "Plano Real" que tinha como suporte a âncora cambial. Outro fator foi a redução dos incentivos proporcionadas pelas políticas públicas e pela mudança no padrão de consumo da população.

A pecuária leiteira também foi afetada por essas mudanças na economia, sofrendo com a importação e com a desregulamentação do setor ocorrida em 1991 no Governo do Presidente Fernando Collor. A concorrência com o leite importado fez com que o preço do leite passasse a ser negociado entre as empresas compradoras e os produtores, com isto, os produtores tiveram de adaptar-se as novas situações.

No ano de 1999 o preço do leite atingiu seu valor mais baixo, em média R\$ 0,31 por litro nos Estados de SP, MG, GO, PR e RS. No ano de 2000 ele voltou a subir atingindo o valor de R\$ 0,33 em função das medidas antidumping adotadas pelo Governo. Se por um lado a desregulamentação foi benéfica, pois, influenciou no uso de novas tecnologias para tornar mais competitiva nossa produção aumentando o poder de competição do pecuarista brasileiro, por outro lado, a importação de leite subsidiado e em épocas erradas trouxe concorrência desleal ao produtor (Boletim, 2001).

A Microrregião de Itapetinga, que está inserida na região Sudoeste do estado da Bahia, tem se destacado como uma área agropastoril em virtude de seu solo e clima serem considerados de boa qualidade para pecuária. O aproveitamento de seu potencial leiteiro surgiu com algumas pequenas unidades de produção de creme para fabricação de manteiga. O crescimento deste potencial despertou em alguns empresários a possibilidade do transporte e venda do leite para outras regiões, principalmente para Salvador, Bahia, e propiciou a instalação de fábricas para industrialização do leite. Houve uma resposta por parte dos produtores, porém, os índices zootécnicos conseguidos por eles foram baixos em função do rebanho apresentar alto percentual de sangue zebuíno. Alguns produtores com apoio da indústria instalada começaram a introduzir sangue de gado europeu que são mais aptos para produção de leite.

A região em estudo é uma fase de transição entre a Mata Atlântica e a Caatinga. Com a intensificação do uso da terra os efeitos antrópicos se diversificaram. A vegetação natural foi largamente substituída pelo sistema agropastoril. O solo foi perdendo progressivamente a matéria orgânica instalando-se um processo de erosão acentuado. Esses transtornos no solo refletiram na redução da produção de forragem e conseqüentemente na produção animal. Por outro lado, a concorrência cada vez mais acirrada devido ao Mercado Comum do Cone Sul (MERCOSUL), a política internacional de subsídio à produção pecuária, principalmente nos Estados Unidos e Europa e a globalização têm obrigado a busca de aumentos de produtividade crescentes por parte dos produtores de leite, para fazer frente a essa adversidade (Fernandes, 1998).

A melhor maneira de propiciar alimento barato ao animal e baixar os custos de produção utilizar um pasto de boa qualidade e bem manejado. A utilização de forragens para controlar o nível nutricional de ruminantes com o objetivo de desenvolver o pastejo durante todo ano, bem como sistema de alimentação para diferentes ambientes requer muitos piquetes, manejo especial, diferentes espécies e consorcio de forrageiras para maioria dos climas. O pastejo rotacionado é favorecido pelas condições climáticas associadas à morfologia e fisiologia da planta utilizada (Blaser, 1994).

A forma de avaliar uma pastagem é através de sua conversão em produto animal. Um pastejo quando é leve traduz num bom retorno na produção animal, mais diminui o ganho por unidade de área, porém, quando usufrui ao máximo da produção por unidade área não se obtém uma produção animal individual máxima. Usando melhor as pastagens pode-se aumentar a produção animal, porém, trata-se de um processo complicado porque envolve dois sistemas biológicos: o animal e a planta (Barreto, 1994).

A capacidade de produção máxima das forrageiras não são conseguidas nem nos países desenvolvidos, e a produção média fica bem abaixo da obtida pelos os órgãos de pesquisas (Corsi, 1994). Nos trópicos as condições edáficas e climáticas agravam esta situação, principalmente, nos períodos críticos. Conclui-se, portanto, que a utilização adequada de cada espécie forrageira é fundamental para produção animal em pastagens.

A agricultura é uma importante alternativa de emprego, e dependendo de onde seja realizado e estimulado o investimento tem uma grande influência na geração de emprego no setor primário (Gonçalves, 1996), havendo uma relação entre número de empregos gerados e tamanho da propriedade. Na pecuária leiteira isto fica evidenciado quando verificamos que o leite é um produto altamente perecível e tem de ser transformado, exigindo assim uma ocupação grande de mão-de-obra.

É comum o produtor brasileiro reclamar do preço pago, ao leite. Comparando ao preço pago ao produtor americano ao da União Européia, de fato, o preço no Brasil é baixo, porém, quando comparado com a Argentina, a Austrália e a Nova Zelândia o preço pago no Brasil não fica tão baixo e como os produtores desses países conseguem produzir e vender com o preço que recebem é preciso que o produtor brasileiro comece a diminuir seus custos (Aguiar e Almeida, 1999).

O objetivo do trabalho foi avaliar o nível de desenvolvimento sócio-econômico das propriedades produtoras de leite na micro região de Itapetinga, Bahia.

## **Material e Métodos**

O estudo foi realizado na microrregião de Itapetinga, Bahia, Brasil, e é composta de dez municípios: Itapetinga, Itororó, Potiraguá, Itarantim, Maiquinique, Macarani, Itambé, Caatiba, Ribreirão do Largo e Encruzilhada.

A região estudada possui latitude entre as coordenadas 14°38'00" e 15° 39' 30" sul e sua longitude encontra-se entre as coordenadas 39°55'24" a 40°52'56" a W G. É banhada principalmente pelos rio Jequitinhonha ao sul limitando o Estado da Bahia com Estado de

**Francisco Ferreira, Helder; Vieira Pires, Jose; Ar.oudo Mota, Jose;. Produção Leiteira na Microrregião de Itapetinga, Bahia: Aspectos Sócio-Econômicos - Revista Electrónica de Veterinaria REDVET ®, ISSN 1695-7504, Vol. VI, nº 07, Julio/2005. Veterinaria.org ® - Comunidad Virtual Veterinaria.org ® - Veterinaria Organización S.L.® España. Mensual. Disponible en <http://www.veterinaria.org/revistas/redvet> y más especificamente en <http://www.veterinaria.org/revistas/redvet/n070705.html>**

Minas Gerais e os pelos rios Pardo, Catolé, Colônia e Cahoeira, além de outros pequenos rios e riachos.

Os solos tem predominância do tipo Latossolos Vermelho Amarelo Eutrófico e Distrófico, entretanto, são encontrados também com frequência os tipos Latossolos Vermelho Amarelo Álico, Brunizém Avermelhado e Podzólicos Vermelho Amarelo Eutrófico e Distrófico.

A topografia vai de suavemente ondulado a acidentado, com altitude variando de 0 a 749 m, dividida em três faixas de 0 a 249 m nos municípios de Potiraguá e Itarantim, de 250 a 499 m nos municípios de Maiquinique Macarani Itapetinga Itororó e Caatiba, de 500 a 749 m no municípios de Encruzilhada Ribeirão do Largo e Itambé. Possui também uma vegetação variada apresentando os seguintes tipos: floresta estacional decidual e semidecidual, floresta ombrófila densa, floresta estacional e submontana (Bahia, 1994).

Contatos inicialmente foram feitos com a Indústria de Laticínios Palmeira dos Índios S. A. (ILPISA) e com a Cooperativa dos Produtores de Leite de Itapetinga (COOLEITE), objetivando a escolha do público alvo.

Inicialmente foi realizado o reconhecimento da região com viagens a campo para identificação do uso dos sistemas pecuários e seu relacionamento com a indústria local. O conhecimento do tipo de exploração do sistema leiteiro teve fundamental importância no planejamento das atividades a serem desenvolvidas durante a execução do trabalho.

Antes de constituir a amostra foi realizada uma extratificação dos produtores para reconhecimento de sua distribuição quanto a quantidade de leite fornecida. As informações foram obtidas por meio de questionários elaborados em conformidade com indicações pré-estabelecidas pelos contatos iniciais e com os objetivos da pesquisas.

Inicialmente aplicaram-se 9 questionários para servirem com base de correção das perguntas constante nos mesmo, servindo assim como pré-teste da pesquisa. Foram aplicados 96 questionários entre os produtores escolhidos de forma aleatória servindo como base de escolha uma relação fornecida pela Cooperativa Cooleite e pelo Sindicato Rural de Itapetinga.

Os questionário contavam com perguntas fechadas com a possibilidade em algumas perguntas terem mais de uma resposta, sendo repassado aos entrevistados que poderiam optar por mais de uma alternativa de resposta. Nas perguntas com possibilidade de muitas respostas, o produtor poderia escolher dentro das opções uma alternativa aberta, facilitando assim a escolha. Com isto foi possível obter o maior número de informações para serem tabuladas, conhecendo desta forma com mais realidade a situação da atividade.

Definido os produtores que responderiam as perguntas constadas no questionário e o roteiro de aplicação procedeu-se a realização das mesmas. No período de fevereiro a abril de 2001.

Os produtores foram enumerados de 1 a 96 na primeira coluna e nas demais colunas foram constadas as informações obtidas pelas respostas dos mesmos. Após a elaboração da

planilha procedeu-se a uma seleção e a análise dos dados pelo referido programa, dados estes coletados e tabulados pelo programa Excel da Microsoft.

Como forma de estabelecer uma compreensão mais esclarecedora das informações colhidas optou-se por uma abordagem basicamente descritiva com análise voltada para este tipo de estatística.

Para facilitar as análises foi realizada uma distribuição dos produtores de acordo com tamanho da propriedade, estabelecendo-se cinco faixas de tamanhos: menor que 100 ha, de 101 a 200 ha, de 201 a 300 ha, de 301 a 500 ha, e maior que 500 ha.

Foram avaliadas 96 propriedades rurais produtoras de leite, quanto ao tamanho; a utilização de reserva estratégica; o grau de sangue dos animais criados; o período de lactação; o tipo de ordenha; a infraestrutura; a taxa de mortalidade do rebanho; a prevenção contra mastite; a capacidade suporte e a produção por animal.

## **Resultado e Discussão**

O tamanho da propriedade na área em estudo foi muito variável. Os entrevistados apresentaram áreas variando de 14 a 2000 ha com a média geral de 303,41 ha. Para efeito de análise os produtores foram distribuídos conforme as seguintes áreas: menores que 100 ha (13,54% dos entrevistados), de 101 a 200 ha (27,08% dos entrevistados), de 201 a 300 ha (20,83% dos entrevistados), de 301 a 500 ha (27,08% dos entrevistados), e maior que 500 ha (11,46% dos entrevistados) (Figura 1). Foi calculada a área média das propriedades por faixa apresentando assim distribuídas: na primeira faixa a área média foi de 53 ha, na segunda 146 ha, na terceira 257 ha, na quarta 367 ha, e na quinta 905 ha.

Dentre os entrevistados 87,86% dos produtores de leite possuem áreas acima de 100 ha. Isto diferencia de estudos de Ferrão (2000) que trabalhando na região de Pedro Leopoldo, MG, encontrou maiores números de produtores de leite na faixa inferior a 100 ha, tendo encontrado apenas 31,25% dos produtores de leite com propriedades superiores a 100 ha. Mas, quando comparado com estudo sobre a região do Sudoeste da Bahia, realizado pela Secretaria de Planejamento do Estado, este evidencia que os municípios da micro região de Itapetinga possuem menor densidade demográfica devido as extensões das propriedades serem maiores que a média da região Sudoeste da Bahia, na qual está inserida (Nascimento, 1999).

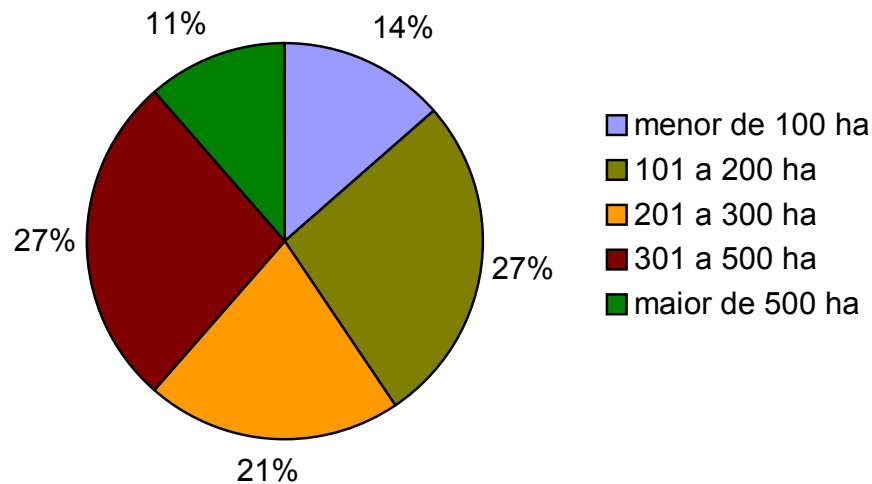


Figura 1 - Percentual de propriedades entrevistadas em função da área (ha)

O período crítico na região exige um planejamento por parte dos produtores, haja visto que as precipitações pluviométricas são muito baixas nos meses de setembro e de outubro, variando também ao longo do ano e entre os anos, mas isto não foi observado com profundidade pelos produtores entrevistados.

O percentual de área destinada à reserva estratégia é pequeno (Tabela 1). Entre os entrevistados, 68,75% declararam ter algum tipo de reserva estratégica como cana-de-açúcar, capim-elefante e mandioca. Os produtores que apresentaram maior percentual de reserva estratégia são os compreendidos na faixa com propriedades com tamanho menor que 100 ha, mesmo assim possuem 2,35% da área ocupada com cana-de-açúcar, capim-elefante e mandioca de forma desuniforme entre as culturas. A faixa que vai de 101 a 200 ha, possui 1,95 ha de área ocupada com reserva estratégica, enquanto as propriedades cujo tamanho estão compreendidas entre 201 a 300 ha possuem apenas 1,51% de área com reserva estratégica, e nas demais faixas (de 301 a 500 ha e maior que 500 ha) o percentual não atinge nem 1%.

Quanto a utilização de silagens e de fenos o percentual é baixo, pois somente 12,5% dos produtores entrevistados utilizam destes recursos. A área média geral ocupada com culturas

para silagem é 2,45% e de 0,94% para culturas de fenação, apresentando bastante desuniformidade dentro das diversas faixas de tamanho das propriedades.

**Tabela 1 - Percentual da área ocupada com culturas destinadas a reservas estratégicas em relação à área total da propriedade.**

Tamanho da Propriedade (ha)	Área de Reserva Estratégica (%)	Área de Capim-elefante (%)	Área de Cana-de-açúcar (%)	Área de Mandioca (%)
Menor de 100	2,35	1,05	0,85	0,45
101 a 200	1,95	0,78	1,14	0,03
201 a 300	1,51	0,60	0,56	0,35
301 a 500	0,98	0,24	0,68	0,07
Maior de 500	0,51	0,18	0,33	0,00

Dos produtores entrevistados 57,29% afirmaram ter conhecimento sobre os índices de precipitações pluviométricas na região, porém, este acompanhamento não é uniforme e varia muito dentro das faixas de tamanho das propriedades.

Gomes e Detoni (1998) encontraram precipitações médias de 935 mm anuais para o município de Itapetinga, de 709 mm para Itambé e de 820 mm para Macarani, para um período de observação superior que 20 anos com variações ao longo dos anos.

Conforme verificado pela análise dos dados nota-se uma predominância pela criação do gado mestiço com grau de sangue indefinido, sendo que 85,42% dos produtores de leite entrevistados, exercem esta preferência, sendo que este predomínio varia pouco dentro das faixas.

Dentre os produtores entrevistados, 12,50% trabalham com mestiço e também com outras raças européias com grau de sangue variado, e 14,58% trabalham com outras raças como: Jersey, Holandês, Gir, Guzerá, Simental e Pardo Suíço além de raças oriundas de cruzamentos entre o gado zebu e o europeu.

A preferência pelo mestiço é demonstrada quando analisamos a atividade declarada pelos produtores entrevistados, já que 67,71% declararam como principal atividade, a produção de leite e a venda de animais. Bressan et al. (1999), em trabalho realizado no Estado de Goiás relatam que a preferência dos produtores de leite por rebanhos mestiço deve-se ao fato dos produtores obterem carne e leite, tratando-se de uma atividade de pecuária de dupla aptidão e trabalhada de forma extensiva.

O período de lactação está compreendido entre 180 a mais de 360 dias, sendo que na maioria das propriedades analisadas este período encontrou-se abaixo de 240 dias (Tabela 2), revelando um manejo inadequado para a atividade leiteira. O período preconizado de

produção de leite para cada vaca seria próximo a 10 meses, com descanso de dois meses e a produção de um bezerro a cada ano.

Outro fator importante do ponto de vista econômico que afeta produtividade é o tipo e o número de ordenha. Neste caso a microrregião pesquisada apresenta um sistema bastante rudimentar, considerando que todas as propriedades apresentam um índice de ordenha manual acima de 92,31%, e 90,91% fazem apenas uma ordenha por dia.

Segundo Ferrão (2000), o número de ordenha reflete o manejo que é dado ao rebanho, pois este depende da produção das vacas e maiores produções exigem maiores números de ordenhas diárias.

Observa-se na tabela 2 a importância da produção do leite como atividade econômica para os extratos de produtores e verifica-se que quanto maior a propriedade, menor é a importância dada à produção de leite, chegando a zerar o percentual de produtores que têm como principal atividade à produção de leite no extrato com propriedades maiores que 500 ha.

Tabela 2 - Percentual do período de lactação de acordo com tamanho da propriedade

Tamanho da Propriedade (ha)	Período de lactação	
	Até 240 dias	Acima de 240 dias
	Porcentagem	
Menor de 100	61,54	38,46
101 a 200	65,38	34,62
201 a 300	80,00	20,00
301 a 500	73,08	26,92
Maior de 500	81,81	18,19
Média Geral	71,86	28,14

Apesar de nesta faixa (maiores que 500 ha) terem produtores que vendem grandes quantidades de leite nas indústrias locais, sendo que estes colocam a atividade leiteira como secundária dentro de suas atividades econômicas. Isto é facilmente observado, pois grandes propriedades se dedicam a produção de carne, que é mais lucrativa que o leite e exige menos mão-de-obra, menos preocupação e menor número de visitas as propriedades por parte dos proprietários.

O recebimento de crédito no início da atividade tem maior percentual entre os entrevistados com mais tempo de atividade. Devido ao Governo em décadas anteriores ter oferecido crédito a juros subsidiado, o que tornava atrativo aos produtores, principalmente na época do chamado "milagre brasileiro". Hoje a indústria local em parceria com o Governo Estadual



tenta novamente a facilitar o crédito no sentido de reabilitar a atividade que vem perdendo a preferência dos pecuaristas.

De modo geral, 76,04% dos produtores entrevistados culpavam o preço do leite pago pelas indústrias como o responsável pelo desestímulo à produção. Os percentuais variaram pouco dentro das faixas de tamanho das propriedades, variando entre 69,23% na faixa menor que 100 ha, e mantendo uma ordem crescente até 81,82% na faixa maior que 500 ha.

Dentre outros fatores apontados para o desestímulo à produção de leite, pode-se citar: a falta de uma política para o setor, a falta de conservação das estradas, a falta de mão de obra qualificada, o pouco número de compradores no mercado e a falta de linha de crédito, o que dificulta uma melhor estruturação das propriedades para enfrentar as dificuldades da produção de leite, uma vez que apenas 2,08% responderam que não tinham problemas de produção e comercialização.

Nota-se na figura 2 que a grande maioria dos produtores (próximo de 70% dos entrevistados) possuem energia elétrica em suas propriedades, incluindo todas as faixas de tamanhos de propriedades. Porém, quando se trata de possuir tratores, existe uma grande diferença entre as faixas de tamanho de propriedades. As faixas de propriedades com menores tamanhos e as grandes propriedades diferem muito entre si. As pequenas propriedades ficam com percentuais inferiores a 20% e as maiores com percentuais superiores a 30,77%.

O percentual de tratores na propriedade está próximo de 50% na faixa acima de 500 ha. No caso de utilização de desintegrador de forragem, apenas a faixa acima de 500 ha ficou com percentual a baixo de 40% de utilização desse equipamento, principalmente, no período crítico. Nas demais faixas de tamanho de propriedade, os produtores responderam que possuíam desintegrador de forragens, sendo a faixa compreendida entre 201 a 300 ha a que tem maior percentual (60%).

A taxa de mortalidade do rebanho em animais novos, ou seja, bezerras, ficou compreendida entre 3,59% a 9,52%, sendo maior na faixa com propriedades menores que 100 ha. A taxa de mortalidade de animais adultos ficou entre 0,64 a 1,37%, o que é aceitável para este tipo de rebanho. A variação da mortalidade de bezerras é alta e não é muito controlada, sendo o ideal abaixo de 5%, o que foi conseguido apenas pelos produtores com tamanho de propriedades entre 201 a 300 ha.

Considerando que a pecuária da região é produção de leite a pasto e que não existe um certo controle por parte dos produtores sobre o rebanho, esta taxa de mortalidade representa muito no lucro final da atividade econômica já que grande maioria dos produtores conforme visto anteriormente declararam que não têm somente a atividade leiteira com principal fonte de renda da propriedade, mas também a venda de animais.

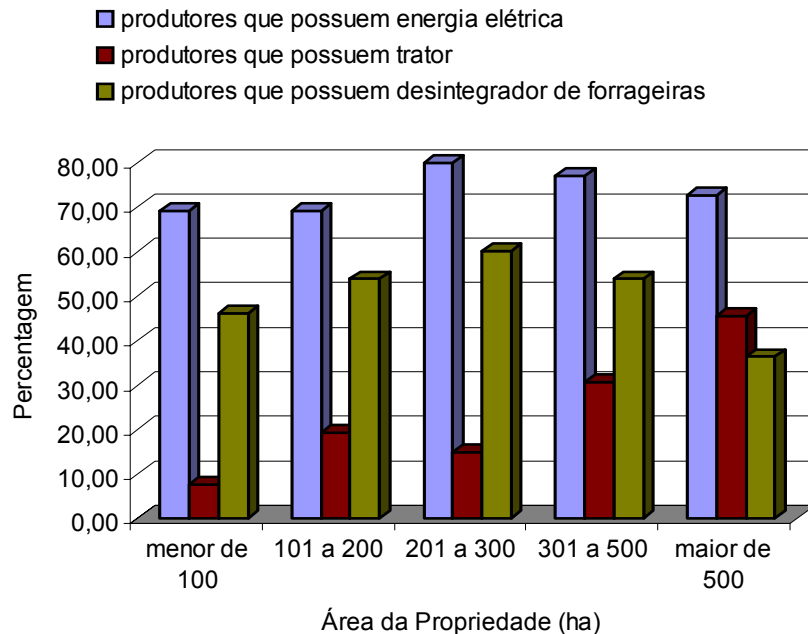


Figura 2 - Percentual de produtores que dispõem de tecnologias (energia, tratores e desintegradores de forragens) de acordo com a área da propriedade (ha)

A produção de leite na microrregião pesquisada necessita de maior atenção por parte dos técnicos no aspecto relativo a prevenção contra mastite, pois, nota-se que a grande maioria dos produtores entrevistados indiferente do tamanho da propriedade não faz nenhum tipo de prevenção contra esta doença, doença está que afeta a produção, causando prejuízo no rebanho, tanto na perda de teta das vacas como na produção e na qualidade do leite. A prevenção é uma forma de aumentar a produção de leite e evitar o uso indiscriminado de antibióticos. Considerando as normas, o leite mamático ou com resíduo de antibiótico deveria ser descartado o que nem sempre acontece, fazendo com que a qualidade do produto reduza.

Observa-se que a propriedade maior é a menos aproveitada, pois tem uma capacidade suporte menor, e a quantidade de animais por hectare apresenta uma ordem decrescente variando de 0,44 UA/ha nas propriedades acima de 500 ha, até 1,13 UA/ha nas propriedades menores que 100 ha, perfazendo uma média geral de 0,70 UA/ha. Em virtude da dificuldade de estimar o peso dos animais usou-se como critério para o cálculo da unidade animal admitir 1,25 UA para touros, 1 UA para vacas, 0,75 UA para novilhos e novilhas e 0,25 para bezerros menores de um ano.

O aproveitamento das pastagens para produção leiteira foi pequeno, de modo geral muito baixo. Possui uma média de 413 litros de leite/ha/ano, o que demonstra ser uma região de pecuária extensiva e voltada para o corte. As variações entre as faixas de tamanho de propriedades encontradas foram de 315 litros de leite/ha/ano nas propriedades de 201 a 300 ha a 1472 litros de leite/ha/ano, nas propriedades com menores que 100 ha. As demais faixas apresentaram valores intermediários.

A produção de litros de leite por vaca também reflete o que foi comentado anteriormente, apresentando a melhor média as propriedades com menos de 100 ha (5,17 litros de leite/vaca/dia), enquanto a média menor com foi encontrada na categoria de produtores com mais de 500 ha (3,03 litros de leite/vaca/dia) (Tabela 2). A média diária de todas as propriedades foi de 3,86 litros de leite/vaca/dia, sendo estas observações bem menores que a média de 10,48 litros/vaca/dia encontrada na região de Pedro Leopoldo, MG, por Ferrão (2000).

A produção em litros de leite/vaca/ano encontrada variou nas diversas faixas de tamanho de propriedades, sendo maior produção na faixa menor de 100 ha (1273 litros/vaca/ano) e menor produção para as propriedades da categoria maior que 500 há (620 litros/vaca/ano) tendo as demais faixas apresentando valores intermediários (Tabela 3).

A média geral para produção de leite foi de 772 litros/vaca/ano, pouco superior a encontrada para o Estado da Bahia (687 litros/vaca/ano) pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais (SEI), porém, abaixo da média nacional de 900 litros/vaca/ano (Bahia, 2000).

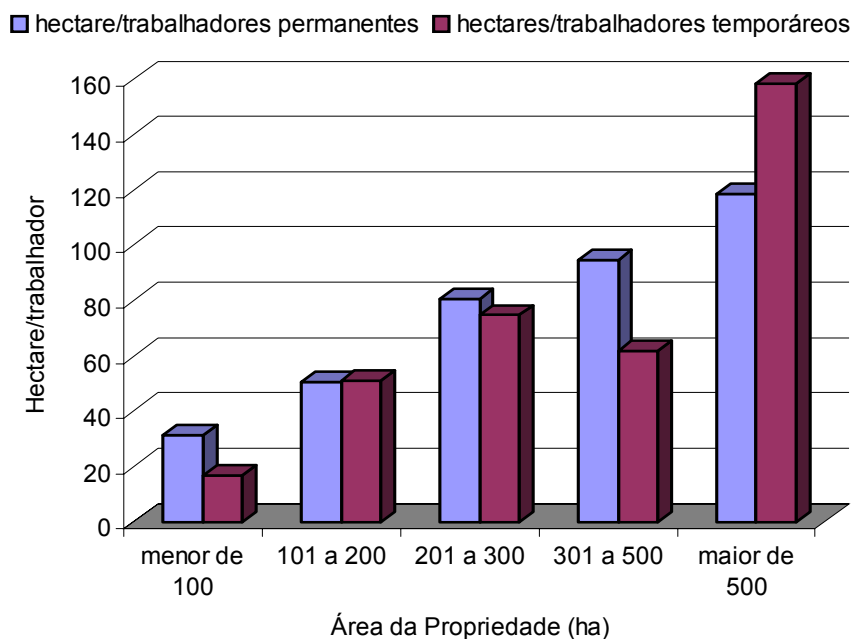
A baixa produção leite no Estado da Bahia deve-se ao efetivo bovino ser formado basicamente de animais de sangue Zebuino, Holandês e mestiço. Dados do IBGE (1996) mostram que 38% do leite produzido no estado provém da pecuária de corte e de corte/leite. Além da baixa especialização do rebanho, 93,2% da ordenha é manual (Bahia, 2000).

**Tabela 3 - Quantidade de unidade animal por hectare explorado, litros de leite por hectare ano e produção média de leite litros por vaca dia.**

Tamanho da propriedade (ha)	UA/ha	Produção de leite		
		Litros/ha/ano	Litros/vaca/ano	Litros/vaca/dia
Menor de 100	1,13	1472	1273	5,17
101 a 200	0,72	648	1007	4,78
201 a 300	0,63	315	720	3,40
301 a 500	0,63	350	770	4,35
Maior de 500	0,44	324	620	3,03
Média geral	0,70	413	772	3,86

Quanto maior a propriedade menor a exigência de mão-de-obra. Observa-se que nas propriedades com maior tamanho empregam menos trabalhadores por ha (Figura 3). Outra observação é o baixo percentual de mulheres trabalhando nas propriedades de pecuária leiteira uma vez que a mão-de-obra feminina é pouco empregada em trabalhos como construção de cercas e roçagem de pastos, sendo mais empregada no plantio de capim e outros afazeres das propriedades. Mesmo assim, a pecuária é uma grande geradora de empregos na região. Porém, nas cidades o leite como produto perecível precisa ser transformado e as indústrias de produtos lácteos empregam grande número de mão-de-obra.

Figura 3 - Quantidade de área ocupação por trabalhador de acordo com a área da propriedade (ha).



## **Conclusões**

O percentual de áreas destinadas à reserva estratégicas é baixo o que dificulta o manejo, principalmente quando considera-se o período crítico em relação as precipitações na região e o percentual de produtores que utilizam silagem e feno é muito baixo.

Ocorre um predomínio na criação do rebanho mestiço o que caracteriza uma pecuária voltada para o corte e leite, visto que um alto percentual de produtores declararam como atividade principal a produção de leite e a venda de animais principalmente nas grandes propriedades.

O percentual de propriedades cujo período de lactação das vacas não ultrapassaram 240 dias é elevado revelando que alto grau de sangue zebuino do rebanho leiteiro da região. A utilização de tecnologias é diferenciada de acordo com o tamanho dos extratos de propriedades.

A produção de leite é mais eficiente nas pequenas propriedades, sendo que nas grandes propriedades o leite é apenas um aproveitamento, visando a utilização dos recursos para fazer frente a algumas despesas.

O controle de mastite não é levado em conta pelos produtores o que gera redução da qualidade do leite dessa microrregião.

A utilização da mão-de-obra de acordo com tamanho da propriedade revela que quanto menor a propriedade maior esta utilização, uma vez que cresce a quantidade de hectare por trabalhador com o aumento no tamanho das propriedades.

## **Referências Bibliográficas**

AGUIAR, A. de P.A.; ALMEIDA, B.H.P.J.F. Produção de Leite a pasto: abordagem empresarial e técnica. Viçosa: Aprenda Fácil 1999. 170 p.

BAHIA, Governo do Estado da. Informações básicas dos municípios baianos: Região Sudoeste. Secretaria de Planejamento Ciências e Tecnologia (SEPLANTEC) Centro de Estatística e Informações (CEI) 1994, 816p.

BAHIA, Governo do Estado da. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). Bahia 2000. Salvador: 2000, p.136-141.

BARRETO, I.L. Pastejo contínuo. In: PEIXOTO, A.M.; MOURA, J.C. FARIA, V.P. Pastagens: fundamentos da exploração racional 2ª ed. Piracicaba S. P. Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz FEALQ. 1994 p 429-453.

BLASER, R.E. Manejo do complexo pastagem-animal para avaliação de plantas e desenvolvimento de sistema de produção de forragens. Tradução: NOVAES, L. P. In: PEIXOTO, A.M.; MOURA, J.C.; FARIA, V.P. (Org.). Pastagens: fundamentos da exploração racional 2ª ed. Piracicaba S.P. Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz FEALQ. 1994 p. 279-335.

BOLETIM, do leite. Breve histórico da pecuária leiteira nacional. Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Economia, Administração e Sociologia Rural, Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. Ano 8 - Abril de 2001.

BRESSAN, M., VERNEQUE, R. da S., MOREIRA, P. A produção de leite em Goiás Juiz de Fora, Minas Gerais. EMBRAPA, Gado de Leite 1999.

CORSI, M.; SILVA, R.T.L. Fatores que afetam a composição mineral de plantas forrageiras. In: PEIXOTO, A.M.; MOURA, J.C.; FARIA, V.P. (Org.). Pastagens: fundamentos da exploração racional 2ª ed. Piracicaba S.P. Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz FEALQ. 1994. p.15-47.

FERNANDES FILHO, J.F. CAMPOS, F.R. OLIVEIRA, I.M. de A Indústria Rural e a Crise da Agricultura Mineira: o caso das Mesorregiões Norte de Minas e Jequitinhonha. Universidade Federal de Viçosa, UFV. Viçosa. 2000.

FERNANDES, S.A.A. O sistema produtivo de búfalo ( *Bubalus bubalis* L.) na zona da mata de Pernambuco. 1998, p.116. Dissertação (Mestrado em Produção Animal). Universidade Federal do Pernambuco (UFP) Recife.

FERRÃO, I. da S. A produção de leite e o profissional veterinário na percepção dos produtores de leite de Pedro Leopoldo- MG. Belo Horizonte 2000 p.42 Dissertação (Mestrado em Produção Animal). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte.

GOMES, H. de S.; DETONI, C.E. Avaliação de solos e vegetação na Região Pastoril de Itapetinga. Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. EBDA, Itambé, Bahia: 1998.

GONÇALVES, J.S. Salário, emprego, modernização e sazonalidade na agropecuária: as contradições do processo excludente do desenvolvimento Brasileiro. Informações Econômicas, São Paulo, v.26, n.1, p. 23-37, 1996.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística Censo agropecuário 1995/1996 <http://www.ibge.gov.br/ibge/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/default.shtm>. 08/03/2001, 18:25 hs.

NASCIMENTO, E.P. Desafios do desenvolvimento regional sustentável: o caso do sudoeste da Bahia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB. Brasília 1999. 92p.

Trabajo recibido el 07.01.05 nº de referencia 070502\_RED VET. Enviado por su autor, XXXXX, miembro de la [Comunidad Virtual Veterinaria.org](http://www.veterinaria.org)®. Publicado en REDVET® el 01/07/05.

Se autoriza la difusión y reenvío de esta publicación electrónica en su totalidad o parcialmente, siempre que se cite la fuente, enlace con Veterinaria.org - [www.veterinaria.org](http://www.veterinaria.org) y REDVET® [www.veterinaria.org/revistas/redvet](http://www.veterinaria.org/revistas/redvet) y se cumplan los requisitos indicados en [Copyright](#)

(Copyright) 1996-2005. [Revista Electrónica de Veterinaria REDVET®](http://www.veterinaria.org), ISSN 1695-7504 - [Veterinaria.org](http://www.veterinaria.org)® - [Comunidad Virtual Veterinaria.org](http://www.veterinaria.org)®